

sessões do MAGINÁRIO

VOL. 21 | N. 35 | 2016 | <http://dx.doi.org/10.15448/1980-3710.2016.1>



CURTA NOSSA
PÁGINA



Crédito: Control, Pawel Kuczynski, 2016.

P. 2

Tendências do Cinema Brasileiro contemporâneo: modelos de produção e de representação

Miriam de Souza Rossini, Vanessa Kalindra Labre de Oliveira, Bibiana Nilsson e Guilherme Fumeo Almeida

P.12

Jogos Olímpicos de 2016: a celebração do "viver junto" nos filmes feitos para a candidatura do Rio de Janeiro

Paula Regina Puhl, Nelson Todt, Fábio Chelkanoff Thier e Vinicius Mano

P. 31

Pokémon, gotta catch them all: comunidade, jogo e memória

Camila Freitas e Mariana Amaro

Elementos sociais da informação

Social information elements

Eunice Simões Lins Gomes¹ 

Resumo

Este artigo compreende a sociedade da informação como uma série de valores éticos e estéticos, característicos de um contexto social em transformação que solicita uma decifração. Na sociedade da informação, inúmeros artifícios, ferramentas e dispositivos se inscrevem nos espaços da vida privada e na vida pública. Para isso, utilizamos como metodologia a pesquisa descritiva, bibliográfica e a abordagem qualitativa. Como resultado obtido, consideramos a sociedade informacional como um sistema social em que a informação possui um estatuto essencial, configurando-se como uma estrutura fundamental na existência dos indivíduos.

Palavras-chave

Informação; comunicação; sociedade informacional.

Abstract

This article deals with the information society as a set of ethical and aesthetic values, characteristic of a changing social context that calls for interpretation. In the information society a great number of devices and tools are present in the spaces of private and public lives. Methodologically, we adopt a descriptive, bibliographical form of research and a qualitative approach. As a result of this research, we came to consider informational society as a social system in which information has an essential statute, working as a fundamental structure for the existence of the Individuals.

Keywords

Information; communication; informational society.

Primeiras considerações

Na verdade, há várias datas para assinalar o nascimento da Informação enquanto área de conhecimento sistematizado e formalizado. No entanto, as primeiras conceituações científicas ocorreram por ocasião da denominada “explosão bibliográfica”, no pós-guerra, momento em que se realizou providência efetiva e inovadora para organizar e controlar a informação. Barreto (1992, p. 27) situa este momento inaugural em 1948, quando,

reunidos na Royal Society, cientistas de áreas consideradas nobres, como a Física, a Química e a Biologia, resolveram assumir o desafio da organização e controle da informação, desde que esta tarefa não comprometesse o seu status acadêmico. Começou assim, pelo menos na Inglaterra, o tratamento da informação como ciência.

Essas racionalizações tomaram impulso nos anos 1960 e foram formuladas para assegurar as novas dinâmicas de transferência de informação em curso e para compreender o campo da produção do conhecimento como um componente do produto nacional bruto dos Estados Unidos.

Mais recentemente, na era da tecnologia dos computadores, a informação assumiu o caráter virtual, sendo capaz de amplificar o armazenamento e circulação de enormes volumes de informação. Foi a partir dos satélites de telecomunicação cobrindo todas as regiões do mundo e da velocidade dos computadores, medida em bilionésimos de segundo, que houve “uma contração rápida do tempo necessário para coletar, tratar e utilizar a informação na tomada de decisões” (Le Caodic, 1996, p. 8). Segundo Massuda (1982), estas

tecnologias de processamento de informações, desenvolvidas através das funções de memória, computação e controle, ampliam a capacidade humana de produzir conhecimento e fazê-lo circular.

Atualmente, os controle, remotos, tecnologias digitais, a edição de imagens e sons computadorizados estão conferindo um novo significado à interferência da informação na vida dos cidadãos. Portanto, nessa época do espetáculo virtual, os audiovisuais encarnam modificações técnico-instrumentais de consequências profundas para a percepção dos usuários. À medida que evoluem as tecnologias da informação, novos modos da experiência humana se inscrevem na história da cultura.

Neste novo mundo, em que tudo parece produto da informação, quando tudo se transforma em imagem, o indivíduo experimenta novas maneiras de se reconhecer como sujeito. Os novos dispositivos técnicos audiovisuais têm um efeito e uma recepção bastante acentuados no cotidiano dos cidadãos, promovendo radicais mutações nas formas de identificação dos sujeitos no imaginário coletivo.

Consideramos que a preocupação com o controle da informação é antiga, nasce com o projeto de modernização ou aburguesamento social. E que a preservação, organização e distribuição da informação evoluíram a partir da emergência de um conjunto de procedimentos sociais e tecnológicos: da classificação em fichas à biblioteconomia; da microfilmagem à documentação; do uso dos computadores e satélites em rede à ciência da informação.

Desse modo, no contexto da informação, encontramos no modelo antropológico de Darcy Ribeiro (1987) elementos para uma elucidação quanto à evolução da biblioteconomia à ciência da informação. Nesse modelo, para cada “revolução tecnológica” surge uma nova

sociedade ou, no nosso caso, um novo modo de tratar a informação. Esse modelo talvez expresse uma compreensão que a ciência da informação é uma construção de continuidades e acumulação, no entanto, há outra forma de olhar essa historicidade, através de seus rompimentos epistemológicos.

Portanto, o objeto da ciência da informação não é mais a organização e preservação do livro ou documento, mas a informação circulante, ou melhor, a meta-informação, o discurso gerenciador dos sinais gráficos, sonoros, imagéticos e virtuais que estruturam a vida na nova sociedade e produzem sensibilidades que agregam grupos.

Assim, é possível dizer que houve uma modificação na perspectiva tradicional da ciência da informação, ou que houve uma “crise” na “ciência natural” da biblioteconomia. A comunidade de profissionais de informação e domínios afins reformulou o conjunto de procedimentos em que se baseia a prática dessa ciência.

No entanto, há autores que mantêm a utilização de ferramentas teórico-conceituais tradicionais para tratar do processo informacional. Encontramos ainda estudos ocupados com os aspectos da ciência da informação ligados à documentação e biblioteconomia. Estes enfatizam a produção, a gestão e a organização do processo informacional na biblioteca. Costa (1990), por exemplo, sustenta que a documentação (aquisição, armazenamento, recuperação e transferência de informação) e a biblioteconomia (prestação de serviços eficientes a um número maior de usuários) são áreas de prioridade no campo da ciência da informação. Shera (1980) afirma que a ciência da informação é operacionalizada pela biblioteconomia. Meadows (1991) assegura que o espaço a enfrentar é o das bibliotecas especializadas, aptas a prestar um serviço de informação ativo.

Eliany Araújo (1996), por sua vez, assegura que é possível capacitar os bibliotecários em ações criativas e proativas, segundo o paradigma da ciência da informação.

Porém a informação, segundo Gómez (1995), passou a ser tratada de modo diferente desde o momento em que se substituíram as “cadeias da tradição” pelas “cadeias de transferência de informação”, a testemunha pelo documento e o ancião pela biblioteca. Esse processo de descredenciamento das fontes orais em substituição pelos registros escritos formalizados e organizados foi uma maneira de “projetar, sobre todas as formas da sociabilidade, seus modelos homogeneizadores de integração e de coordenação da ação” (p. 3).

Esse tratamento da informação permaneceu até o momento em que conseguiu mais reunir, numa só rede, as formas organizacionais de cada setor social. Assim, com o surgimento de outras demandas econômicas e sociais, mais globalizadas, dissolveu-se a homogeneização dos coletivos locais e instalou-se a desterritorialização. Nessa ocasião, o modelo paradigmático da centralidade biblioteconômica ou documental é desprestigiado e passa-se a tematizar novas condições para fazer circular a informação em contextos altamente complexos e conflitivos.

Desse modo, a informação deixa de ser um documento finalizado e assimilável para se constituir num operador relacionante que coloca o receptor em um horizonte de virtualidade, capaz de traduzir, coletar, armazenar e transformar a informação acessada. Essa tarefa operante do receptor se desloca do modo de tratar a informação sob o controle institucional de influência estatal, para se aproximar de uma nova forma de gerir e fazer circular a informação regulada pelos mecanismos do mercado. Numa espécie de “mercado-logização” do conhecimento sob o qual atuam novas

tecnologias, redefinindo as formas de acesso e transmissão dos saberes culturais disponíveis.

É preciso registrar não só o traçado histórico e o modelo paradigmático da ciência da informação, mas de igual modo caracterizar o que se passou a chamar “sociedade da informação”. No decênio de 1960 descortinou-se um novo tipo de trabalho e um outro campo teórico, o do técnico de informação, aquele que precisa sistematizar e aprofundar conhecimentos que atendam a demanda informacional em suas diferentes propriedades, processos, construções, usos e adequações. O profissional da ciência da informação é alguém que trabalha no contexto de fluxos de informação e da globalização do mercado informacional.

Simultaneamente ao surgimento desses agentes produtores de informação, o mercado se agiliza, tornando-se mais complexo e pluralizado de acordo com as exigências dos clientes, usuários e consumidores. Assim, o conceito de “sociedade da informação” remete a um universo em que as informações são vitais na organização e funcionamento social.

A sociedade da informação

Historicamente, observamos que a evolução da teoria da informação, da engenharia dos sistemas e da cibernética ocorre simultaneamente ao desenvolvimento da medicina nuclear, geriatria, manipulação genética e uma série de dispositivos que prometem a manutenção, regeneração e longevidade do corpo humano. Assim, a noção de “sociedade informacional” se inclui num conjunto de estratégias que possuem afinidades e semelhanças com as tecnologias do corpo, desde a medicina preventiva até a clonagem dos genes humanos.

Entendemos que o conceito de “sociedade da informação” é construído historicamente, o que implica

perceber uma evolução de estágios no modo com que os indivíduos, em diferentes épocas, trataram a informação. Os estudos em ciência da informação consistem numa teorização sobre a organicidade do humano num período marcado pela aceleração e pela informação inscrita de maneira determinante na vida social.

A ciência da informação não parte de uma temática metafísica, mas resulta de todo um conjunto de práticas sociais e históricas, produto de uma economia e organização social que se tornaram complexas e altamente especializadas. Objetivamente as múltiplas atividades da vida, em seus detalhes mais elementares passam pelo crivo desta complexidade. No trabalho, lazer, escola, academias de ginástica, empresas, transportes, bancos, clínicas e clubes de turismo os aparatos técnico-informacionais estão sempre presentes, reterritorializando os espaços e tempos da cidade.

Os dispositivos informacionais, como um dos sustentáculos da economia neoliberal, estimulam os fluxos que irrigam o corpo social. As imagens de liberdade na sociedade de consumo emergem dos espaços de troca, em que os indivíduos se reconhecem e se identificam. Isto aparece com clareza nos textos dos teóricos da comunicação, como, por exemplo, Jean Baudrillard (1970, 1996).

Na sociedade da informação, inúmeros artifícios, ferramentas e dispositivos se inscrevem nos espaços da vida privada e na vida pública. Constatamos que tais instrumentos, com todo o conforto que possibilitam, consistem nos “nervos” deste novo sistema informacional que rege a vida comunitária e tatua o corpo dos indivíduos. Para caracterizar melhor essa nova sociedade, convidamos Manuel Castells (1999).

A contribuição de Manuel Castells

Com o fim de compreender o valor econômico e cultural que a informação estética desempenha nesse contexto foi que nos preocupamos em caracterizar essa sociedade, denominada por Manuel Castells (1999) de “sociedade informacional”. O sociólogo diferencia as noções de “sociedade de informação” e “sociedade informacional” afirmando que na primeira o enfoque é a comunicação de conhecimentos; na segunda, o informacional estaria indicando “uma forma específica de organização social em que a geração, o processamento e a transmissão da informação tornam-se as fontes fundamentais de produtividade e poder devido às novas condições tecnológicas surgidas neste período histórico” (Castells, 1999, p. 38).

Neste entendimento, além de analisar o problema da informação por si só, é preciso esclarecer que esta é resultado do reclame de um mundo globalizado, onde todos se encontram relacionados e atrelados, numa super-rede ou uma telerealidade. Assim, as questões propostas por Eliany Araújo (1996, p. 6) são pertinentes: “A Ciência da informação acaba com os monopólios informacionais ou os fortalece? Está a serviço da dominação ou da conscientização?”.

A modificação social tem sido produzida, no entender de Castells (1999), por uma revolução tecnológica concentrada nas tecnologias da informação. Para ele, não só o sistema de comunicação se modificou, mas também toda vida social passou por alterações: os sistemas políticos estão passando por uma crise estrutural de legitimidade; os movimentos sociais têm sido fragmentados e efêmeros; o sistema econômico busca se ajustar para integrar-se nos mercados financeiros globais; os sistemas administrativos são reordenados a partir do estatismo soviético e

da reestruturação do capitalismo. E o modelo de gestão é caracterizado por maior flexibilidade de gerenciamento, descentralização das empresas, individualização e diversificação.

Para Youssef e Fernandez (1988, p. 24-31), essas modificações sociais tiveram início com a recente popularização dos microcomputadores, pois até o final da década de 60 estes eram utilizados apenas em planos de defesa nacional e em exploração espacial. Posteriormente, os computadores se estenderam para outros setores da sociedade, tais como empresas privadas e públicas, com o fim de aumentar a eficiência no gerenciamento e administração para crescimento econômico. E, por fim, tivemos a maioria dos setores sociais informatizados.

Contudo, a quantidade de computadores não foi a única alteração, mas a existência de um circuito integrado de microprocessadores de informação, ou uma rede constituída pelo conjunto de várias linhas de telecomunicação. Foi a partir desse momento que se estabeleceu uma nova estrutura socioeconômica, centrada na produção de valores informacionais, cujos produtos básicos são tecnologia e conhecimento.

Uma sociedade que se reorganiza a partir de uma nova relação entre economia, Estado e sociedade. Uma relação que se orienta pelos fluxos globais de riqueza, poder e imagem, bem como pela busca de identidade individual e coletiva dos sujeitos sociais. O sociólogo catalão, pesquisador do que chama de Era da Informação, concorda com Youssef e Fernandez (1988), e afirma que a complexidade dessa nova economia e cultura em informação surge a partir da penetrabilidade da revolução da tecnologia da informação em todas as esferas da atividade humana.

Assim, tomamos a revolução tecnológica da informação, constituída pelo conjunto convergente de tecnologias em microeletrônica (computação — *software* e *hardware* —, telecomunicações, radiodifusão, optoeletrônica, engenharia genética e linguagem digital) como a nova base material da atividade econômica, da organização social e reestruturação global do capitalismo.

O paradigma da Tecnologia da Informação, denominação de Castells (1999), consiste no modo como a sociedade contemporânea se organiza, em termos de produção e relações de poder. Em outras palavras, o desenvolvimento econômico e a estrutura de relação social têm como base a tecnologia de geração de conhecimentos, de processamento de informação e de comunicação de símbolos.

Nesta sociedade pós-industrial, é a geração de novos conhecimentos a principal fonte de produtividade, ou seja, o que caracteriza o crescimento da economia é a “acumulação de conhecimentos e maiores níveis de complexidade do processamento da informação” (Castells, 1999, p. 35). Por isso que a competitividade entre as empresas consiste na busca de inovação tecnológica, pois será através dela que poderão gerar mais conhecimentos e mais informação.

As duas realidades concretas do informacionalismo são a inovação tecnológica e a transformação organizacional, que garantem a velocidade e eficiência da reestruturação do capitalismo. O sistema organizacional da empresa, a partir dos incrementos da tecnologia, passou a assumir novas estratégias de produção, não mais na mecanização linear e hierárquica da linha de montagem do taylorismo, mas na flexibilidade e na adaptabilidade dos processos de produção.

Na sociedade informacional, apesar da diversidade que assumem nas variadas culturas em que se instalam, dois aspectos são essenciais: as tecnologias da informação e a economia global/informacional. A nova tecnologia da informação, além de integrar o mundo em redes globais viabilizando a múltipla comunicação das informações, também se constitui num dispositivo de processamento da informação no qual a técnica não é apenas instrumento, mas processo social que cria uma nova possibilidade de relação.

Assim, é a partir das tecnologias da informação que se dão “os processos sociais de criação e manipulação de símbolos (a cultura da sociedade) e a capacidade de produzir e distribuir bens e serviços (as forças produtivas)”, (Castells, 1999, p. 51). Em outras palavras, essas tecnologias criadas para agir sobre a informação não só penetram em toda a atividade humana moldando a existência, mas são ao mesmo tempo moldadas pela capacidade criativa do homem no momento da produção.

O outro aspecto característico desta sociedade informacional é sua economia. Uma nova economia surgida no último quartel deste século e caracterizada como informacional porque “a produtividade e a competitividade de unidades de agentes nessa economia, dependem basicamente de gerar, processar e aplicar de forma eficiente à informação baseada em conhecimentos” (Castells, 1999, p.87). Esse procedimento tipifica-se como global porque as atividades produtivas, o consumo e a circulação estão organizados em escala global.

Em resposta à crise capitalista dos anos 70, caracterizada pela desaceleração das taxas de crescimento econômico, e na busca de maior produtividade, houve um avanço na inovação tecnológica como tentativa de

ampliar a lucratividade e a competitividade. Então, nessa perspectiva de ampliar as margens de lucro, o capitalismo teve de procurar novos mercados capazes de absorver uma crescente capacidade de produção de bens e serviços, surgindo assim “uma economia em rede profundamente interdependente que se torna cada vez mais capaz de aplicar seu progresso em tecnologia, conhecimentos e administração na própria tecnologia, conhecimentos e administração” (Castells, 1999, p. 88).

Isso ocorre para abrir novos mercados em rede global; o capital necessitava ser móvel e as empresas precisavam contar com maior fluxo de informação. Sendo assim, a própria empresa precisava passar por uma alteração: maiores investimentos na infraestrutura de comunicação/informação para maximizar a vantagem competitiva. Era a única opção para enfrentar a desregulamentação de mercados e a globalização de capital, ou como diz o próprio Castells (1999, p. 110): “à economia industrial, restava tornar-se informacional e global ou então sucumbia”.

Esse é o processo de capitalismo informacional, ou movimento em prol de aumentar a produtividade de empresas privatizadas, motivadas pela modernização tecnológica. Nesta fase do capitalismo, o informacional, a estratégia de estímulo ao crescimento econômico se dá mediante a geração de conhecimentos e processamentos da informação no interior da empresa. Uma estratégia que é dinamizada a partir da concorrência entre os próprios agentes econômicos que se lançam na busca de transformações tecnológicas.

A economia global, que tem a capacidade de funcionar como uma unidade em tempo real, em escala planetária, possui uma nova divisão do trabalho, que está disposta, segundo Castells, em quatro posições:

produtores de alto valor com base no trabalho informacional; produtores de grande volume baseado no trabalho de mais baixo custo; produtores de matérias-primas que se baseiam em recursos naturais e os produtores redundantes, reduzidos ao trabalho desvalorizado (1999, p. 160).

Essas posições são dispostas em redes e fluxos que interagem de maneira complexa numa nova lógica organizacional, que tanto utiliza a infraestrutura tecnológica quanto concretiza o sistema econômico informacional/global.

Não é consensual a teoria explicativa (Castells, 1999, p. 174) sobre o surgimento de uma nova estratégia de organização, mas o fato é que o capitalismo informacional é culturalmente caracterizado pela transição que houve da produção em massa para a produção flexível. O modelo de gerenciamento taylorista (Castells, 1999, p. 45), concretizado na produção padronizada em linhas de montagem e nos princípios de integração vertical da divisão técnica de trabalho, foi substituído por uma produção flexível. Baseada nas novas tecnologias, essa antiga produção rígida, fragmentada e hierarquizada foi transformada “em unidades de produção de fácil programação que podem atender às variações do mercado (flexibilidade do produto) e às transformações tecnológicas (flexibilidade do processo)”, (Castells, 1999, p. 176).

Essa lógica organizacional flexível foi efetivada através de novos métodos de gerenciamento que obtiveram sucesso em produtividade e competitividade. Um deles, talvez o mais conhecido método de gerenciamento, foi a revolução administrativa do “Toyotis-

Elementos sociais da informação

mo”, que se destinava a reduzir incertezas e a eliminar desperdício (tempo, trabalho, recurso). Outro modelo tem sido o das “Alianças Estratégicas”, que consiste na interligação de empresas de grande porte com o fim de aumentarem o poder de acesso a informações privilegiadas. Há também duas outras formas de flexibilidade organizacional, as “redes entre empresas” de pequeno e médio porte e o modelo de “licenciamento e subcontratação” de produção sob o controle de outra empresa, a terceirização.

Estes novos métodos de gerenciamento, citados por Castells (1999, p. 178-184), têm o intuito de finalizar qual a dimensão cultural própria dessa forma de organização do modelo de economia de serviços. Para ele, as redes de empresas, as ferramentas tecnológicas, a concorrência global e o Estado desenvolvimentista caracterizam um fundamento ético da empresa e apelo renovado ao consumismo.

Considerações finais

A partir do exposto, é possível afirmar que a sociedade informacional possui uma morfologia social baseada nos termos do paradigma da informação. Isso significa que as relações de produção e de poder se organizam em termos de redes informacionais. A lógica das redes gera não só uma determinação social como também desempenha um papel central no conjunto dos processos e funções predominantes em nossa sociedade. Definindo rede como o núcleo central dessa sociedade, afirma Castells (1999, p. 498):

redes são instrumentos apropriados para a economia capitalista baseada na inovação, globalização e concentração descentralizada; para o trabalho, trabalhadores e empresas voltadas

para a flexibilidade e adaptabilidade; para uma cultura de descontração e reconstrução contínuas; para uma política destinada ao processamento instantâneo de novos valores e humores públicos; e para uma organização social que vise à suplantação do espaço e invalidação do tempo.

Esse sistema de comunicação de rede modifica não apenas as condições de trabalho e as relações sociais, mas altera até a própria noção de espaço e tempo. Como bem situam Ortiz, Ortiz Ramos e Borelli (1989, p. 498), antes a compreensão de espaço estava relacionada com sua memória coletiva tradicional e, posteriormente, nacional, mas agora, nesse contexto globalizado da economia e da política, há um desenraizamento radical, instalando-se uma “cultura-mundo”, uma cultura sem território específico, “ela é desterritorializada, não se enraíza em nenhum local determinado”, afirmam Ortiz, Ortiz Ramos e Borelli (1989, p. 226).

Diante do que descrevemos, entendemos que esta complexa sociedade de rede, na qual o Brasil já possui várias experiências de comunidades telemáticas, e de acordo com Youssef e Fernandez (1988), quando apontam várias experiências de implantação de comunidades teleinformatizadas através de projetos desenvolvidos no Brasil, ainda nos anos 1980, dentre os quais eles citam: 1) Projeto Ciranda (Embratel), que visava criar uma comunidade teleinformatizada voluntária, participativa e autogerida, na qual cada indivíduo, em qualquer lugar do Brasil pudesse utilizar os serviços comunitários; 2) Projeto Educação-Informática, que se propunha a desenvolver tecnologias aplicadas ao processo ensino-aprendizagem; 3) RENPAC (Telebrás),

consistia numa rede nacional de comunicação de dados por comutação de pacotes; 4) Cirandão, uma rede telemática de banco de dados (Embratel) destinados a segmentos profissionais; 5) O banco de dados central do videotexto da Telesp.

Entendemos que esta complexa sociedade de rede não apenas produz uma organização social e econômica, mas também forma o modo de ser dos próprios sujeitos sociais. De modo que, ao desterritorializar o sujeito, mesmo que amplifique suas possibilidades de comunicação com o mundo todo, ele se torna solitário. Em outras palavras, afirma Castells (1999), ao desestruturar a memória coletiva, produz no sujeito um sentimento de solidão absoluta que “busca por nova conectividade em identidade partilhada e reconstruída” (p. 36-40). Na mesma direção, Ortiz, Ortiz Ramos e Borelli (1989, p. 40), debatendo sobre o desenvolvimento individual nesta sociedade, apresentam a “solidão nas grandes cidades” como consequência também da submissão da individualidade à ordem racional imposta.

Referências

ARAÚJO, Eliany Alvarenga de. Sociedade de informação: espaço da palavra onde o silêncio fala? **Ensaio APB**, nº 31, São Paulo: Associação Paulista de Bibliotecários/APB, 1996.

BARRETO, Aldo de Albuquerque. A informação no mundo da técnica. **ECO/Publicação da pós-graduação em comunicação da UFRJ**, Rio de Janeiro, v.1, nº 3, pp. 27-34, 1992.

BAUDRILLARD, Jean. **A sociedade de consumo**. Lisboa: Edições 70, 1970.

Elementos sociais da informação

_____. **Telas e redes, mito-ironias do virtual.** São Paulo: Editora 34, 1996.

CASTELLS, Manuel. **A sociedade em rede. A era da informação: economia, sociedade e cultura.** Vol. 1. São Paulo: Paz e Terra, 1999.

COSTA, Antônio Felipe Corrêa da. Ciência da informação: o passado e a atualidade. **Ciência da Informação**, Brasília, v.19, nº 2, pp. 137-143, jul./dez. 1990.

GÓMEZ, Maria Nélide Gonzáles de. A informação: dos estoques às redes. **Ciência da Informação**, Brasília, v. 24, n. 1, 1995. Disponível em: <<http://revista.ibict.br/ciinf/article/viewFile/611/613>>. Acesso em: 26 ago. 2016.

LE CAODIC, Yves- François. **A ciência da informação.** Brasília: Livros, 1996.

MASSUDA, Yonej. **A sociedade da informação como sociedade pós-moderna.** Brasília: ESAF/ UnB, 1982.

MEADOWS, Charles. **Text information retrieval systems.** San Diego: Academic Press, 1991.

ORTIZ, Renato; ORTIZ RAMOS, José; BORELLI, Sílvia. **Telenovela: história e produção.** 2. ed. São Paulo: Brasiliense, 1989.

RIBEIRO, Darcy. **O processo civilizatório: etapas da evolução sócio-cultural.** 9. ed. Petrópolis: Vozes, 1987.

SHERA, Jesse H. Sobre biblioteconomia, documentação e ciência da informação. In: **Ciência da informação ou informática?** Rio de Janeiro: Calunga, 1980, pp.91-105.

YOUSSEF, Antônio Nicolau; FERNANDEZ, Vicente Paz. **Informática e sociedade.** 2. ed. São Paulo: Ática, 1988.

Notas

- 1 Doutora em Sociologia pela Universidade Federal da Paraíba (UFBP). Professora do Programa de Pós-Graduação em Ciências das Religiões na Universidade Federal da Paraíba (PPGCR/UFBP: Universidade Federal da Paraíba, Centro de Educação, Campus Universitário, CEP 58051-900, João Pessoa/PB). E-mail: euniceslgomes@gmail.com